

Diário Gaúcho: Discurso e Sensacionalismo

Roberto José Ramos

Doutor | PUCRS

rr@pucrs.br

Resumo

O Diário Gaúcho se apresenta como um “Jornal popular”. Tenta produzir uma denegação sobre a sua estética sensacionalista. Procura afirmar que apenas divulga o que acontece, como se a Mídia fosse somente um reflexo social. O presente ensaio buscará compreender e explicar seu Sensacionalismo, através dos seus discursos. Usará, para tanto, a Semiologia, de Roland Barthes, em suas possibilidades transdisciplinares.

Palavras-chave

Jornalismo, sensacionalismo, semiologia

1 Introdução

Angrimani (1994, p. 27) observa que, em 1631, a ‘Gazette de France’ lançou “edições extraordinárias de grandes tiragens, consagradas aos ‘Fait Divers’ sensacionais”. Depois desse jornal, os editores dos outros passaram a publicá-los, com mais intensidade, para aumentar os seus rendimentos.

Na literatura, o ‘Fait Divers’ inspirou os heróis de Balzac, as novelas de Flaubert, tal como ‘Madame Bovary’, e o romance de Stendhal, ‘O Vermelho e o Negro’. Proporcionou a Beauvoir e Sartre material para os seus textos. Breton usou essa estrutura na poesia. Muitos outros escritores também sofreram a sua influência, assim como diferentes artistas, salienta Walker (1995).

Com a Revolução Francesa, a partir de 1789, houve outro passo importante. As substituições das monarquias pelas repúblicas trouxeram uma repercussão política. O povo

passou a ter o Poder decisório nas escolhas dos governantes e, para exercer tal direito, a Informação se tornou, gradativamente, essencial, na perspectiva dos olhares do Iluminismo.

O gênero Melodrama surgiu, na França, no século XVIII. Apoiada nos estudos de Martín-Barbero e Brooks, Enne (2007, p. 74-75) o aproxima do Sensacionalismo. Refere algumas características básicas. É “a marca do excesso” “(...) tanto na forma narrativa, quanto na caracterização das personagens e situações e a estrutura maniqueísta, como bem indicou Martín-Barbero, marcada por sensações de medo, de ternura e de ira, entremeadas pelo risível, encenado pela figura do bobo (...)”.

As características, como o excesso e a ambivalência de emoções, talvez, consolidem uma perspectiva. É a presença do ‘Fait Divers’, que os envolve nas paisagens dos dramas e tragédias da rotina. Materializam-se nos fatos, articulados pelos enredos, mobilizados pelas questões da causalidade e da coincidência.

No século XIX, com o advento da II Revolução Industrial, as transformações se acentuam. Os produtos primários de consumo deixam de ser produzidos pelas mãos humanas. São gerados pelas máquinas, com maior velocidade de produção. O fluxo informativo se maximiza em termos mundiais, com as Agências Internacionais de Notícias.

Em 1863, o jornal francês, ‘Le Petit’, sai às ruas no dia 1º de fevereiro. Três anos mais tarde, lança um suplemento dominical. Privilegia as interpelações do “Fait Divers, ilustrado na capa, o qual, juntamente, com o Folhetim, é o grande chamariz do jornal” (MEYER, 2005, p. 98).

O êxito comercial de ‘Le Petit’ concede uma maior visibilidade ao ‘Fait Divers’. Traz uma inovação, articulando-o com o Folhetim. Caracteriza a sua importância, como recurso jornalístico lucrativo. Insinua as relações econômicas, determinando a singularidade de um padrão editorial.

O Folhetim, os romances em capítulos diários nos jornais, é uma matriz de um gênero midiático. Origina a Radionovela e, posteriormente, a Telenovela. Ambas, em suas diversidades, têm uma unidade. Apropriam-se, em seus discursos, do ‘Fait Divers’. A receita do ‘Le Petit’ parece se manter, nesta conjunção, na contemporaneidade.

No final do século XIX, nos Estados Unidos, os jornais, ‘New York World’ e ‘Morning Journal’, tiveram uma grande competição pelos leitores:

Surgiram, nessa fase, alguns dos elementos, que lançaram as bases do Jornalismo moderno: manchetes garrafais, artigos sensacionalistas, seções esportivas, numerosas ilustrações etc. O jornal ‘World’ tinha, em seu

suplemento dominical, os desenhos de 'Outcalt (Yelow Kid)', impressos em cor amarela, para atrair o público. (RABAÇA E BARBOSA, 2001, p. 380).

Surgiu a denominação Imprensa Amarela, para designar o Sensacionalismo. A expressão Imprensa Amarela foi substituída por Imprensa Marrom no Brasil. Em 1960, o 'Diário da Noite' preparava a manchete sobre o suicídio de um rapaz, que fora chantageado pelas revistas da Imprensa Amarela. O então chefe de redação, Francisco Calazans, alegou que "na minha terra, amarelo é cor alegre; põe marrom", ressaltam Rabaça e Barbosa (2001).

A Mídia, impressa e eletrônica, parece ter um legado social e histórico da II Revolução Industrial. É uma Organização, que busca superar as fronteiras do tempo e do espaço. As suas práticas estão revestidas de um caráter narcísico, que ganha fisionomia na dimensão onipotente de representação da realidade.

No Brasil, a Mídia, em geral, parece ser fiel. Nasceu, sob os auspícios do oficialismo em 1808, com o jornal 'Gazeta do Rio de Janeiro'. Dele, parece não ter mais arredado pé. O oficialismo vem se singularizando, com diferentes feições. Pode ser uma vocação, com tendência quase inata, de fazer eco a quem ocupe a cadeira do Governo. Pouco importa, se for monarquista, republicano, tanto faz ser de direita ou de esquerda. O slogan, talvez, seja único. Sou favorável a todos os governos, independente de suas cores. As exceções ocasionais e episódicas parecem confirmar essa regra.

Stephens (1988, p. 34) observa algumas "qualidades duradouras" das notícias ao longo da história. Ele evidencia o extraordinário, o insólito ("o homem, que morde o cão"), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte. Tais características, contextualizadas em relação às notícias, parecem se identificar com uma outra realidade. É o 'Fait Divers', como informação sensacionalista, que interpela as emoções dos receptores, através do extraordinário e do insólito.

O romancista e cronista Machado de Assis (1997, p. 444) foi um dos seus críticos na época. Considerava-o "coautora da violência social, ao transformá-la em espetáculo da notícia. O capoeira (designação de criminoso da época) recorre à navalha, espalha facadas, certo de que os jornais darão notícias das suas façanhas e divulgarão os nomes de alguns".

Machado de Assis (1955, p. 402-407) não economizou críticas à Imprensa sensacionalista em relação à cobertura da Guerra de Canudos, entre 1896 e 1897, liderada por Antônio Conselheiro. O confronto culminou com a execução de mais de seis mil

sertanejos por militares. Enfatizou que Conselheiro foi estereotipado de “fanático”, “salteador” e “inimigo número um da República”. Tudo isso teve sustentação nas fontes governamentais. Apenas um lado possuiu versão; o outro, não.

Sunkel (2002, p. 97-113) utiliza a concepção de Contrato de Leitura, através de Martin Barbero, para analisar o periódico chileno, ‘La Cuarta’. Ele observa quatro elementos essenciais: a negação da Política, o humor, como abordagem noticiosa, o uso de uma linguagem popular e a valorização dos fatos, comprometidos com a violência. O autor ainda destaca que

a leitura do jornal sensacionalista remete, com mais ênfase, há um tempo cíclico, da repetição. A sensação de que todas as notícias são parecidas se produz, porque, no fundo, todos o relatos falam da mesma coisa. É a repetição incessante do drama humano. (SUNKEL, 2002, p. 128-129).

Pela perspectiva dos olhares dos Estudos Culturais, Sunkel desenvolve uma boa investigação. Parece apta a responder e a corresponder a uma contribuição. Investiga o conceito de Sensacionalismo, carecendo de um aprofundamento teórico. A questão da Repetição se relaciona com o *Fait Divers*, como uma de suas manifestações, mas o autor não faz esta relação.

Angrimani (1994, p. 151) sustenta que “a segmentação de mercado oferece um lugar secundário ao jornal sensacionalista, relegando-o a um público de baixo poder aquisitivo e formação cultural precária”. Ainda assim ele ressalta “que o Sensacionalismo, apesar das mudanças de costumes, valores e ideologia, que ocorreram ao longo dos anos, tem conseguido garantir seu lugar entre os veículos de comunicação”.

O autor disponibiliza a Psicanálise e valoriza o conceito de ‘*Fait Divers*’, para o estudo do Sensacionalismo do jornal ‘Notícias Populares’, como exemplo de caso. Apresenta algumas questões fundamentais sobre a importância da estética sensacionalista.

Tendo, como referências teóricas, Lorenzer, Prokop e Marcondes Filho, Angrimani (1994, p. 152) faz uma distinção entre a linguagem sígnica e a clichê. A primeira é própria dos veículos não-sensacionalistas, que torna sutil as emoções. “Distancia o sujeito do objeto. A segunda opera pelo clichê, explorando as emoções”.

Angrimani (Ibidem, p. 152-153) salienta que o Valor de Troca não se restringe à informação, como produto, transcende-o, porque

o jornal sensacionalista é 'id' personalizado, por ser o meio de o leitor enveredar pelo inconsciente e o recalcado, realizando, por procuração, pulsões reprimidas. O jornal sensacionalista é 'superego acessório', ao propor medida inversa, atribuindo-se papel punitivo e moralizador, realizando esta tarefa para (e sobre) o leitor.

O mesmo autor (Ibidem, p. 153) conclui que:

o meio sensacionalista, meio como extensão, se define, então, como instrumento punitivo e espaço de transgressão num jogo ambíguo, pendular, marcado por Thanatos e onde Eros se apresenta como simulacro, como sombra de sua imagem, ausência, que denota a paisagem árida e asfixiante, que caracteriza a mensagem sensacionalista.

O estudo denota algumas virtudes básicas. Busca os diálogos entre o objeto e o sujeito. Para tanto, o resgate teórico de alguns conceitos psicanalíticos se justificam. A partir de um exemplo de caso, 'Notíciais Populares', há a fixação de algumas marcas do Sensacionalismo.

Existe, contudo, uma imprecisão conceitual. O 'Fait Divers' possui uma boa revisão bibliográfica. Transita por alguns autores importantes somente em nível de conceito, sem adotar nenhum, com especificidade e ênfase. Prejudica o aprofundamento de algumas interpretações.

Pedroso (2001, p. 122)) desenvolveu o seu estudo sobre o jornal carioca, 'Luta'. Evidenciou o Jornalismo Sensacionalista "como uma forma de preenchimento ideológico junto às classes populares". Caracterizou

(...) as principais regras definidoras da prática ou do modo sensacionalista de produção no jornalismo diário são, ao meu ver, as seguintes:

intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica;

ambivalência linguístico-semântica, que produz o efeito de informar, através da não-identificação imediata da mensagem;

valorização da emoção em detrimento da informação.

exploração do extraordinário e do vulgar, forma espetacular e desproporcional;

adequação discursiva ao status semiótico das classes populares;

Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos, subtração de elementos importantes e acréscimo ou intervenção de palavras ou fatos;

A autora (Ibidem, p. 123) ainda, acrescentou:

discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, impositiva, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa, sedutora;

exposição do oculto mais próximo;

produção discursiva sempre na perspectiva trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica;

especificidade discursiva de jornal empresarial-capitalista, pertencente ao segmento popular da grande imprensa industrial-urbana, em busca da consolidação econômica no mercado jornalístico.

escamoteamento da questão popular, apesar do pretenso engajamento com o universo social marginal;

gramática discursiva, fundamentada no desenvolvimento sócio-econômico-cultural entre as classes hegemônicas e populares.

A autora consegue reunir um conjunto interessante de evidências. Cabe sublinharmos o apelo emocional, a discursividade repetitiva e a perspectiva trágica. Compõem características, que parecem tecer o perfil editorial do jornal 'Luta', bem como de outros diários.

2 RBS e o Diário Gaúcho

A Rede Brasil Sul (RBS) ocupa o segundo lugar como grupo comunicacional. Soma 36 veículos, entre impressos e eletrônicos, concentrados, sobretudo, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde exhibe a sua força midiática.

O seu fundador foi Maurício Sirotsky Sobrinho, falecido em 1986. Ele iniciou como locutor e corretor de anúncios, em Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, em 1942. A diversificação dos negócios não tardou. Sirotsky criou a 'Mercur Publicidade', em Porto Alegre, em 1956. Depois, ele adquiriu a 'Rádio Gaúcha', a semente que deu origem ao florescimento do grupo. Fundou a 'TV Gaúcha' em 1962, rebatizada na década de 1980 como 'RBS TV', afiliada da 'Globo' até hoje, como referem Ramos e Guareschi (1988).

O 'Diário Gaúcho' chegou às bancas em 17 de abril de 2000. Alcançou as ruas da Grande Porto Alegre, montado em uma projeção de mercado: 1 milhão e 900 mil leitores, em potencial, das classes C, D e E, com muito barulho de marketing. Com as suas cores sensacionalistas, o 'Diário' marginalizou a modéstia. Evocou para si o perfil de um veículo,

que inaugura uma nova fase nas Comunicações. Apresenta-se, grifando os seus traços de “identificação quotidiana” (RBS, 2000, p. 2).

Somando 5 mil postos de venda na região metropolitana da Grande Porto Alegre, o jornal pintou o perfil de seu público-alvo. Representa os 70% das classes C, D e E – cerca de 2 milhões de habitantes – como suas potencialidades mercadológicas (RBS, 2000).

A proposta possui um repertório de itens básicos. O ‘Diário’ se pretende “um veículo popular, ágil, direto, de linguagem simples”. Busca estar sintonizado com “as necessidades e os anseios das classes C, D e E” (RBS, 2000, p. 5).

Com um formato tablóide – 2,61 cm por 36 cm – o ‘Diário’ circula de segunda a sábado. Conta com uma redação, composta por 35 jornalistas, volta à “ênfase no cunho informativo e de serviço” (RBS, 2000, p. 5), autolegitimando-se como popular. Em suas páginas, quatro seções ganham destaque. As editorias de Segurança, de Esporte, de Entretenimento e de Serviços ditam o papel do ‘Diário’, comprometido com assuntos preferidos pelo seu público-alvo. Não falta a distribuição de prêmios, quotidianamente, como uma simbolização de uma mais-valia para os seus leitores.

O gerente geral do ‘Diário Gaúcho’, Luís Augusto Generali (2000), sustenta uma convicção. “É um jornal diferente, voltado para as classes C, D e E, enquanto os demais jornais são voltados para as classes A e B”. Generali salienta a importância do Marketing no empreendedorismo. “Ouvimos as classes C, D e E, para concepção do jornal e, depois dele pronto, como produto”.

No rosário de suas crenças, Generali (2000) ostenta um argumento. Ele nutre a fé que o ‘Diário’ “não é sensacionalista, apenas conta o que acontece – a realidade – bem como as providências das autoridades”, grifa, com ênfase.

As iniciativas de Marketing cumprem um ritual devotado e quotidiano. O ‘Diário’ transformou comunicadores populares em colunistas. Foram os casos, por exemplo, de Sérgio Zambiasi e Gugu Streik, da ‘Rádio Farroupilha’, e de Pedro Ernesto e Antônio Carlos Macedo, da ‘Rádio Gaúcha’.

O ‘Diário’ é um jornal que bebe água e respira o oxigênio no ecossistema, hegemônico, sobretudo, do Rádio e da Televisão, está a reboque das Mídias eletrônicas, através do próprio perfil de seu público-alvo. As classes C, D e E, na generalidade, são os espectadores mais fiéis ao Rádio e à Televisão, sobretudo, aos canais abertos. São, a priori, ouvintes e telespectadores, por questões econômicas, culturais e ideológicas.

3 Aspectos discursivos

Barthes (1994, p. 7) categoriza o Discurso, com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com zelo, “dis-cursus é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, ‘démarches’, intrigas”. A anotação contempla o movimento em sua peregrinação histórica, através da combinação dos signos. É a relação da imutabilidade do Código com as mutações da Fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó.

Barthes (2003, p. 279), ainda, observa o Discurso, em um sentido contemporâneo, como uma “divagação, uma excursão”. Resgata o sentido de Mallarmé, enfatizando que toda divagação possui dois sentidos: revela e encobre. Move-se, por uma abordagem, angulada, sobretudo, pela perspectiva complexa.

A categorização barthesiana carrega duas articulações. Estabelece o sentido linguístico da discursividade na concretude dos signos, mas vai além. Abraça o translinguístico em sua dimensão sociohistórica. O Discurso é um jogo complexo dos signos.

O Discurso, em seus significantes verbais e não-verbais, está conectado com o Poder. Barthes (1996, p. 10-12) o caracteriza como “a Libido ‘dominandi’”. Está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política. É um “parasita do organismo transsocial”, que se pronuncia na expressão obrigatória da Linguagem: “a Língua”.

A Discursividade é uma síntese, que congrega a Palavra, escrita e oral, e a Imagem, em suas relações de exclusão e de inclusão, em suas divergências e em suas convergências. Ambas, como signos, dialogam. Em suas distâncias, compartilham as suas aproximações. Assumem as suas características, indissociáveis, de complementaridade.

A respeito da Fotografia, Barthes (1984) adverte que ela apresenta uma dicotomia. É falsa, por ser uma reprodução, mas, também, é verdadeira. Possui

uma segunda mensagem, que informa sobre a realidade e sobre o fotógrafo: é o que se chama a conotação, que é linguagem; ora as fotografias conotam sempre algo de diferente do que mostram no plano da denotação. (BARTHES, 1984, p. 343-344).

Para estudá-la, Barthes (1984, p. 342) propõe duas concepções importantes. O ‘Studium’ “é o interesse geral e cultural, civilizado, que se tem por uma fotografia. É o que

corresponde ao trabalho do fotógrafo: ele tenta, de algum modo, agradar ao nosso ‘Studium’, ao nosso gosto”.

A outra é o ‘Punctum’, que significa “uma espécie de pontada, de picada”, que vai além do ‘Studium’. Significa uma interpelação emocional: “É o êxtase fotográfico, que nos fazem sair de nós mesmos, quando se associam a uma perda, a uma falta” (BARTHES, 1984, p. 342).

As duas concepções nos ajudam a compreender os sentidos complexos das Fotografias. O ‘Studium’ está investido da perspectiva denotativa. Envolve e é envolvido pela sua aparência direta e técnica. O ‘Punctum’ se preocupa com a perspectiva conotativa, com as perspectivas subjetivas, em suas essências emocionais.

A capa do ‘Diário Gaúcho’, de 27 e 28 de março de 2010, trouxe o antetítulo, “Caso Isabella”. Foi seguido pelo título “Culpados”. Teve a companhia do subtítulo, “Justiça condena pai a 31 anos de prisão. Madrasta recebe pena de 26 anos. Sentença saiu na madrugada”.

O antetítulo, título e o subtítulo estão projetados em um fundo vermelho. A associação material da cor diz respeito ao “sangue”. É pertinente. Trata-se de um assassinato. A associação afetiva parece conjugar os sentidos da “agressividade” e da “emoção”.

O antetítulo, também, em vermelho, tem a sua direita uma representação de uma mancha de sangue. O título e o subtítulo, em branco, podem simbolizar a paz, advinda da condenação dos réus.

Há três fotos: de Isabella sorrindo, e de Alexandre e Anna. O ‘Studium’ (Denotação da foto) revela, denotativamente, a vítima e os seus respectivos assassinos. O ‘Punctum’ (Conotação da foto) as relaciona o sorriso de Isabella instaura a sua inocência infantil. Alexandre está com a cabeça inclinada para a esquerda; Anna, para a direita. As inclinações opostas fixam uma Antítese, trazendo o sentido de conflito.

Os diálogos entre as fotos são regidos, igualmente, pela Antítese, como significante. A vida e a morte estão unidas entre os três personagens. Tal ruptura singulariza e é singularizada pela Antítese trágica. Os discursos verbais e não-verbais se harmonizam. As cores e as fotos, em sua polissemia, são particularizadas. Recebem a Ancoragem, a especificação de sentidos, através do antetítulo, do título e do subtítulo, como recursos verbais.

Na página 29, existe uma reportagem sobre o julgamento do casal Nardoni. Há uma matéria principal, com a Repetição do antetítulo da capa, “Caso Isabella”. É seguido pelo título, “Jurados condenam o casal”. Ocorre a complementação com quatro retrancas: “Casal volta para prisões de Tremembó”, “A perícia não provou o assassinato”, “As provas do caso são arrasadoras” e “Notas do Júri”.

“Jurados condenam casal” é a matéria principal. Realiza a abertura da página. Encontra-se comprometida, informativamente, com o resultado do julgamento. Procura pormenorizá-lo em seus aspectos, marcadamente, essenciais.

A primeira retranca, “Casal volta para prisões de Tremembó”, é complementar. Procura fixar os desdobramentos do julgamento. Fixa-se nos destinos prisionais dos condenados. Tem um caráter de decompor a matéria principal.

A segunda retranca, “As provas do caso são arrasadoras”, traz os argumentos do promotor, Francisco Cembranelli. A terceira retranca, “A perícia não provou o assassinato”, apresenta a versão do advogado de defesa, Roberto Podval.

Há, ainda, uma quarta retranca. Possui um antetítulo: “Notas do Júri”. Refere dois intertítulos. O primeiro, “Tumulto”, informa que um pastor, sem citar o seu nome, fez uma pregação em defesa dos acusados. Causou revolta entre as pessoas, que estavam em frente ao prédio do fórum. O outro, “Mãe” salienta que Ana Carolina de Oliveira, mãe de Isabella, não assistiu ao julgamento, devido a um “abalo emocional”.

São publicadas cinco fotos, que possuem correspondências com as respectivas matérias. As fotos de Alexandre e Ana Jatobá e de populares diante do fórum correspondem ao texto principal. Seguem-se as do promotor e do advogado de defesa, que dizem respeito às suas respectivas retrancas.

As de Alexandre e de Ana Jatobá mostram apenas os seus rostos. O Studium parece se comprometer apenas com a identificação. São, em jargão jornalísticos, “bonecos”. O Punctum revela rostos, carentes de expressão emocional, como se estivessem distantes e alheios ao julgamento.

Os populares são evidenciados diante na rua, em frente ao fórum. O Studium busca dar um plano geral do público. Alguns se salientam com os braços em posição vertical. Configuram, simbolicamente, uma evocação divina pela condenação dos réus. É o que, talvez, traduza o Punctum.

As fotos do promotor e do advogado de defesa referem, informativamente, pela Studium, uma circunstância. Ambos estão concedendo entrevistas coletivas, porquanto se encontram cercados por microfones. O Punctum parece realçar a repercussão do assassinato e do seu julgamento.

O Studium determina-se e é determinado pela denotação. Procura estabelecer o sentido informativo. O Punctum agenda e é agendado pelo olhar conotativo. Busca mobilizar as interpelações emocionais em torno da representação do fato.

4 Fait Divers

Em 29 de março de 2008, o Brasil passou a conviver com a emoção do Caso de Isabella Nardoni. A menina foi jogada do sexto andar do Edifício Londo, em São Paulo. O pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá, foram acusados, como réus, pela morte.

A notícia impactou o território nacional. Foi apropriada e explorada pela Mídia, impressa e eletrônica, por vezes, como se fosse uma novela, escrita e roteirizada pelo interesse jornalístico. A abordagem parece ter sido movida pela fome e pela sede comercial de audiência.

Barthes (1971, p. 263) estabelece o conceito do 'Fait Divers' (casos do dia): "É uma informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anômicos, que, normalmente, classificamos na rubrica da Varia" (...).

A concepção traça um perfil do 'Fait Divers'. Concede-lhe uma característica de informação não-classificável na especificidade das editorias dos periódicos. Tal sentido parece classificá-lo na contemporaneidade. Está presente em diferentes editorias. Corporifica-se nos espaços midiáticos impressos e eletrônicos.

Barthes (1971, p. 271-276) transgrediu o perímetro conceitual. Arrumou-lhe uma tipologia básica, organizada por dois tipos: Causalidade e Coincidência. Ambos se subdividem em subtipos, direcionados, para a compreensão da excepcionalidade, introdutora da noção de conflito. O primeiro tipo, o 'Fait Divers' de Causalidade, apresenta duas manifestações:

a) Causa Perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito;

b) Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nas Personagens Dramáticos — criança, mãe e idoso.

Na Causa Perturbada, a excepcionalidade está localizada no porquê da factualidade. Existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão ou pela ilogicidade. Em quaisquer das possibilidades, existe a formalização de uma situação de conflito.

O conflito vem à tona pela factualidade. Materializa-se, narcisicamente, no presente, porém conserva o motivo, recalcado, submerso no passado. O determinado é visto, solidificado pelo fato, embebido pela historicidade; o determinante, oculto, abstrato, deixando somente os indícios de seus domínios.

Há, formalmente, a estruturação de uma situação conflituosa. Esta pode interpelar e obter reconhecimento não apenas pelo dito, mas, primordialmente, pela forma de dizer. Ocorre a representação do sentido complexo da subjetividade. A Consciência é o dito, o efeito, o factual, o denotado, o determinado; a Inconsciência, o não-dito, a causa, o contexto, conotado, o determinante.

A condição de Sujeito é uma condição conflituosa. O interpelado pode se reconhecer na factualidade, trazida pelo 'Fait Divers'. Ele é, também, um efeito, em nível de consciência, com causas desconhecidas, imprecisas e ilógicas, mantidas no Inconsciente. Ao se reconhecer, vive o que está fora, como se fosse seu — Identificação Projetiva —, que enseja a Catarse.

Soifer (1991, p. 13-14) oferece outras pormenorizações:

A Identificação Projetiva e a Catarse conferem ao espetáculo o mesmo valor afetivo e proporcionam um benefício, parecido com o dos sonhos no ato de dormir, pois constituem um veículo, para a descarga das tensões inconscientes, com o qual se obtém o correspondente alívio psíquico.

Na Causa Esperada, a excepcionalidade troca de posição. Desloca-se para os protagonistas, que são responsáveis pela instauração do conflito. A dramaticidade apanha três tipos de sujeitos básicos: criança, mãe e idoso. Eles representam os diversos ciclos do processo do existir humano.

A criança, a mãe e o idoso simbolizam a fragilidade e a pureza humanas, decodificadas na dimensão do bem. São reverenciados, inclusive, pelo sentido religioso em

diferentes religiões. Por suas próprias características, eles estão revestidos de circunstâncias, caracterizadas pela dramaticidade.

Compreendemos que, na Causalidade, através da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de um conflito, não-classificado pelo conhecimento humano. Torna-se inexplicável aos recursos da racionalidade e dos pressupostos da intelectualidade, ficando ininteligível na dimensão histórica.

Os sujeitos relativos podem não conseguir ter respostas, para a situação conflituosa estabelecida. Ficam impotentes, sem recursos de compreensão. Recorrem a um Sujeito Absoluto, tal qual na Tragédia Grega, quando um 'Deus-ex-machina' entrava em cena, para contornar os impasses incontornáveis historicamente. Parece prevalecer a lógica da Fatalidade.

A Fatalidade é o Sujeito Absoluto, o grande pai transcendental, que possui a explicação para o inexplicável. Representa a iluminação do oculto, o conhecimento do desconhecido pela onisciência e onipresença. Assume a responsabilidade sobre todas as coisas e a plenitude do todo. É o fiador perfeito, para todas as imperfeições, inscritas na relatividade histórica da sujeição.

Tudo parece estar pronto e harmonizado na Fatalidade. É o espelho, por excelência. Interpela os sujeitos relativos, que se reconhecem, com liberdade, no seu Poder, e podem se tornar submissos diante do seu pleno e indizível saber, causa de todas as causas e suprema revelação de quaisquer enigmas de subjetividade.

Na Causalidade, pelas singularidades da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de conflitos, que interpelam. São reconhecidos, porque reproduzem as questões, próprias da subjetividade. Podem ensejar a Identificação Projetiva, que possui um final feliz, uma saída catártica. É a Fatalidade, o Sujeito Absoluto, garantia de harmonização e suprema desculpa para todas as culpas, desde que, com liberdade, seja pago o dízimo da submissão.

O segundo tipo proposto por Barthes (1971, p. 271-274), é o 'Fait Divers' de Coincidência, subdividido em duas manifestações:

a) Repetição: é o igual, que se reproduz com diferença, conforme Lacan (1998), no âmbito de uma matéria jornalística;

b) Antítese: duas perspectivas diferentes, distantes, antagônicas, são fundidas em uma única realidade. Uma de suas formas de expressão é o Cúmulo (a má-sorte), figura da Tragédia Grega.

A morte da menina mobilizou a emocionalidade nacional por um conjunto de razões. Ela poderia ser vista como uma Personagem Dramática, por ser uma criança. Isso tipificaria o *Fait Divers* de Causalidade de Causa Normal sob o impacto de um primeiro e rápido olhar.

As questões do Drama parecem ter configurações específicas. São fatos, circunstâncias, com conflitos, que encontram diálogos com soluções. Tudo se encena no palco e no contexto da vida. A Tragédia possui outra tessitura. Assinala o momento de ruptura. O conflito não se restringe ao palco da vida. Transita entre o contexto do viver e do morrer. É o seu enredo, o nó do seu sentido.

O trágico bateu a porta da classe média. Entrou no Edifício London, no apartamento 62, onde moravam pessoas, com um certo nível econômico e cultural. O pai, inclusive, com formação universitária. É um advogado. Isso parece não ter sido o suficiente, para impedir o evento trágico.

As estatísticas, diariamente, catalogam as crianças, com os crachás de vítimas, de diferentes calibres dramáticos e trágicos. Parecem significar uma banalização, entronizada como um Estereótipo cotidiano da geografia nacional, onde os pobres, em geral, são os protagonistas.

O jogar uma menina de quatro anos pela janela de um prédio de classe média, do sexto andar, com uma altura aproximada de 20 metros, é uma singularidade trágica. Contraria a própria configuração do trágico usual e urbano. Oferece uma ruptura ao Estereótipo vigente.

A Antítese trágica é o significante, que veste e reveste de conflitos e emocionalidade o fato. Isabella perde a vida pelas mãos de quem a dera – o seu pai, conforme a acusação. O binômio vida e morte se encontram codificados tragicamente. Alexandre Nardoni, responsável pelo cuidado, pelo amparo da menina, torna-se réu pelo seu assassinato. Ele, um advogado, que deveria ser o paladino das leis, parece ser o seu fiel transgressor, cultivando a Antítese – pai e provável assassino.

O cenário não foi uma favela de qualquer periferia urbana. Materializou-se, com a sua densidade e a sua intensidade, onde a carência não era econômica. Não tinha raízes na miséria social, porém, provavelmente, na miserabilidade emocional e afetiva.

A defesa dos réus manteve uma performance antitética. Procurou defender Alexandre e Ana Carolina, com uma substantiva singularidade. Tentou mantê-los unidos, evitando qualquer confronto e divergências. Sem álibi, buscou desqualificar toda e qualquer prova contra o filho e a madrasta, mas não dispunha de nenhuma prova. Havia um fato – o assassinato de uma criança, de forma hedionda –, sem assassino, sem confissão.

Os acusados não eram pobres. Não estavam entregues às mãos de um Deus dará. Não estavam submetidos ao sentimento de desvalia. Eram integrantes da classe média, com condições de pagar uma equipe de advogados, como agentes da produção do contraditório.

Não há uma causa explícita, para o caso. O que pode abrir a conjectura que seja um *Fait Divers* de Causalidade de Causa Desconhecida. Tal possibilidade possui viabilidade num primeiro momento do olhar, porém não resiste à uma interpretação mais consequente. Dissipa-se em seguida.

A Antítese trágica é o significante hegemônico. Parece evidenciar a possível circunstância de desequilíbrio dos réus. Caracteriza o *Cúmulo*, como situação de má-sorte, onde não existe uma causa aparente e consolidada. O *Acaso* funciona como motivação.

A presença do *Acaso* conota a existência da *Fatalidade*, que parece ter uma personificação. É *Tiquê*, a deusa da sorte e do azar, que equivale à noção latina de *Destino*. Atua, como um *Deus-ex-machina*, um *Sujeito Absoluto*, com intervenção histórica.

A presença de *Tiquê*, como uma divindade, de caráter ahistórico, pode contracenar com a situação de desequilíbrio. Envolveu o pai e a madrasta, como agentes de um fato trágico, onde uma criança, inocente e indefesa, acabou sendo vitimada, de um modo hediondo.

O caso se materializa, com várias possibilidades de interpretação. É possível vê-lo, através de vários tipos e subtipos de '*Fait Divers*'. Tais possibilidades de incerteza dialogam com uma certeza. É um '*Fait Divers*'. Um, em especial, o materializa. É o de *Coincidência de Antítese trágica*, com o *Cúmulo*, como situação de má-sorte, através da presença de *Tiquê*.

Portanto, o fato noticioso é uma metáfora. Condensa uma pluralidade de significações sociais e psicológicas. Parece sintetizar um estudo de *Psicologia Social* sobre o *Imagário nacional*. O *Sensacionalismo* do '*Fait Divers*' de *Coincidência de Antítese trágica*,

em sua linguagem emocional, foi um dos significantes da Catarse, que se materializou nas densidades e nas intensidades objetivas e subjetivas da conflituosidade noticiosa.

5 Todo discursivo

Foram analisadas 31 matérias do Diário Gaúcho – 30, de 2000, e uma, de 2010. Contemplamos a produção de sentido dos discursos de diferentes editorias, considerando os aspectos verbal e não-verbal das matérias jornalísticas, priorizando a produção de sentido.

Os Estereótipos, como imagens e palavras repetidas, foram um recurso invariante das produções discursivas. Reproduziram-se na diversidade das editorias, afirmando uma possibilidade rápida e econômica na representação jornalística. Com eles, o jornal buscou tecer diálogos com o seu público, através do senso comum. Considerou a importância do vivido, da experiência, como traços dos perfis dos seus leitores. Contemplou a importância da Doxa, como opinião geral e vigente.

Os Mitos se particularizaram, sobretudo, por intermédio da Quantificação do Real e da Constatação. Foram representações sociais absolutizadas, que procuraram impor verdades, de forma imperativa, autoritária. A Quantificação do Real estabeleceu a importância dos Números. A complexidade da realidade foi esvaziada. A superficialidade e a linearidade numérica ganhou espaço na produção informativa. A representação tornou-se dissociada do representado. A Constatação trouxe uma lógica. Reproduziu os sentidos dos lugares-comuns, dos clichês, das máximas e dos provérbios. Foi outro dispositivo linguageiro, agendado, também, com os propósitos de interpelação do seu público.

Com tais recursos discursivos, houve uma informação padrão. Foi o 'Fait Divers', como informação sensacionalista, uma espécie de matéria-prima do 'Diário Gaúcho'. Pronunciou-se, com seus diferentes tipos e subtipos, evidenciando conflitos dramáticos e trágicos.

Neste sentido, o Sujeito, desenhando pela discursividade jornalística, ganhou um perfil bem específico. Possui uma forte influência cultural do senso comum e do Positivismo, através de sua absolutização objetiva do fato, como sinônimo absoluto da realidade,

A Linguagem, predominante, foi a Objeto. Teve uma característica básica. Procurou ser a tradutora do vivido e da experiência, como fatores indispensáveis da existência

humana. Contou com uma Função Expressiva, voltada e sustentada pela exploração emocional.

O Código do Socioleto apresentou três níveis básicos. Foram o Nível da Informação, dos Significado e do Significante. O da Informação se caracterizou por notícias, comprometidas, especialmente, como o cotidianos, priorizando a dimensão local.

O Nível do Significado se especificou em caracterizar a Notícia, como representações sociais de fatos, vestidos e revestidos pelo Drama e pela Tragédia sobretudo. Buscou um diálogo, predominantemente, emocional com os seus receptores.

O Nível do Significante se notabilizou por alguns pormenores. Foram as presença do Estereótipos, dos Mitos e dos 'Fait Divers', que agenciaram a produção de sentido dos discursos. Revelaram-se como a unidade da diversidade das matérias jornalísticas.

Assim sendo, o 'Diário Gaúcho', ainda que não admita, prefere denegar o seu teor sensacionalista. Apresenta um Sensacionalismo nos Níveis de Informação, Significado e Significante, o que se evidencia, com uma singularidade em sua pluralidade. É um Sensacionalismo Óbvio.

Portanto, o estudo do 'Diário Gaúcho', como exemplo de caso, nos ensejou algumas evidências importantes sobre o Discurso do Sensacionalismo. O seu Código parece se sustentar nos Níveis de Informação, de Significado e de Significante. O que abre possibilidades, para novas investigações.

Referências

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai Sangue** – um estudo do Sensacionalismo na Imprensa. São Paulo: Summus, 1994.

ASSIS, Machado, Balas de Estalo. Crônica, 14 de março de 1885 in COUTINHO, Afrânio (org.). v. 3. **Machado de Assis: Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. A Semana. Crônica, 31 de janeiro de 1897. In: **Obras Completas de Machado de Assis**, v. 3, São Paulo: Jackson, 1955.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**.

_____. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. 13ª ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. **O Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Aula**. 7ª. ed.. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **A Câmara Clara**. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LACAN, Jacques. **Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise**. O Seminário, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma História**. 2ª Ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ENNE, Ana Lúcia. O Sensacionalismo como processo cultural. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.77-84, dez. 2007.

GENERALI, Luís Augusto. Entrevista [abr. 2000]. Porto Alegre: TV Com, 2000. Entrevista concedida ao programa Estúdio 36.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A Construção do Discurso de Sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 7ª ed.. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

RAMOS, Roberto, GUARESCHI, Pedrinho. **A Máquina Capitalista**. 5ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1988.

RBS, Departamento Comercial (Org.). **Diário Gaúcho**. Porto Alegre: 2000. Material Promocional.

SOIFER, Raquel. **A Criança e a TV – uma visão psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

STEPHENS, Mitchell. **A History of News**. New York: Penguin Books, 1988.

SUNKEL, Guillermo. **La Prensa Sensacionalista y los sectores populares**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2002.

WALKER, David H.. **Outraje and Insight — Modern french and the Fait Divers**. Oxford - Washington: Berg Publishers, 1995.

Gaucho Gazette: Speech and Sensationalism

Abstract

The Gaucho Gazette presents itself as a “popular newspaper”. Attempts to produce a denial about his aesthetic tabloid. Search only say that discloses what happens, as if the media were merely a reflection of society. This paper will seek to understand and explain your Sensationalism, through their speeches. Use for both, semiology, Roland Barthes, in their possibilities transdisciplinary.

Keywords

Jornalism, sensationalism, semiology

Gaucho Gazette: Habla y Sensacionalismo

Resumen

El Gaucho Boletín se presenta como un "periódico popular." Los intentos de producir una denegación de su tabloide estética. Buscar sólo decir que da a conocer lo que sucede, como si los medios de comunicación no eran más que un reflejo de la sociedad. En este trabajo se tratará de comprender y explicar el sensacionalismo, a través de sus discursos. Utilice para ambos, la semiología, Roland Barthes, en sus posibilidades transdisciplinarios.

Palabras-clave

Jornalismo, sensacionalismo, semiología

Recebido em 20/12/2011

Aceito em 05/07/2013